

A PEDAGOGIA DE OYÁ: MULHERES NEGRAS E DESCONSTRUÇÃO DA ESTÉTICA DAS COLONIALIDADES NO CURRÍCULO E ENSINO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL.¹

Amine J. Fernandes Meira- Relações Públicas e Mestra em Educação- Universidades Estadual de Feira de Santana- UEFS²

Co-Autor: Professor Doutor Eduardo Oliveira Miranda- Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS³

RESUMO

Essa escrita trata dos atravessamentos do corpo-território de mulheres negras estudantes de comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB, e como as colonialidades do ser, saber, poder e de gênero reverberam na sua formação e como a decolonialidade afro-brasileira como tecnologia para reverter epistemicídios e reconhecimento e pertencimento negro estabelecendo saberes contra-hegemônicos e possibilidades de resistências ativas dentro das epistemologias inseridas nas áreas de conhecimento da Educação e Comunicação, na perspectiva de descolonizar currículos e cânones eurocentrados.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo-território; decolonialidade afro-brasileira; comunicação; colonialidades, pedagogia de Oyá.

CORPO DO TEXTO

É pela perspectiva da Decolonialidade Afro-brasileira que estabeleço a base para essa escrita de exaltação a diferença, o conhecimento outro que sofreu apagamento, que não se encaixa no padrão universal, estabelecido pela modernidade branca, cisgênero e patriarcal. Evidencio e articulo como referência a decolonialidade afro-brasileira, que contraria a universalização das epistemes eurocêntricas. Como explica Miranda (2022) é através deste arcabouço, que formamos a estratégia para estarmos no mundo e de maneira contrária e diferente ao imposto pelas colonialidades.

Logo, meu corpo-território, marcado pela colonialidade, é provocado e em Utilizando como pano de fundo o enegrecimento da universidade pública e a necessidade de romper com as formas de colonialidades na educação, realizo giro decolonial, voltando-me às epistemologias do sul e a Decolonialidade Afro-Brasileira, como guia de localização na feitura de pesquisa em Educação, que busca abordar os aspectos da formação em Comunicação Social a partir de uma cosmopercepção não hegemônica.

Através de uma epistemologia afro-brasileira, que pulsa segundo Narcimária Patrocínio Luz (2013), nas territorialidades negras, nas suas células comunitárias, e que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Relações Públicas e Mestre em Educação pela UEFS, email: aminefernandes@gmail.com

³ Professor Doutor da UEFS email: eduardomiranda48@gmail.com

contemporaneamente entra na Universidade através de gerações de afrodescendente, problematizo de que forma corpos-territórios de mulheres negras no campo da comunicação podem decolonizar a perpetuação da estética eurocentrada em sua formação.

A Comunicação Social como área de conhecimento e tudo que abarca o seu ensino tem em seu cerne as marcas das colonialidades (Torrice, 2019). As Colonialidades que marcam e atravessam corpos subalternizados são entendidas aqui como um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista, e se fundamenta na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder. Esse poder opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social (Ballestrini, 2013). Ademais, como aponta Luz (2013) é necessário entender o espaço da Universidade como uma “casa-grande” que reafirma leis, acordos, formatos, discursos que foram inventados a partir de saberes positivistas, cartesianos, universalizantes e dicotômicos, que afirmam a supremacia do conhecimento eurocentrado, formado pelo racismo epistemológico e o neocolonialismo. Nesse espaço, é necessário se pensar além. Pensar-se, então, como um quilombo para se africanizar o conhecimento e infiltrar, para rachar a casa-grande, contra-atacar os colonialismos e os espelhos da branquitude (Luz, 2013).

Considerando a constituição da Comunicação Social como área de Conhecimento depara-se com os contrastes evidentes vivenciados por corpos-territórios subalternizados que estudam, se especializam e reproduzem esse conhecimento na vida profissional, mesmo sofrendo com as implicações das colonialidades. Um corpo-território que já foi transpassado pelo racismo e sexismo encontra na formação em comunicação mecanismos de racismo epistêmico, estruturas dentro da universidade que foram projetadas para e pela branquitude para manter estruturas sociais opressoras e desiguais. Diante desse contexto envolto pelas opressões das colonialidades, faz-se necessário Decolonizar o Currículo! Ao pensar em Educação Decolonial trago a máxima proposta nessa escrita, como pontua bell Hooks é preciso desaprender os colonialismos dentro da comunicação social. Por meio da Decolonialidade Afro-brasileira traço os caminhos para educação, que privilegia o conhecimento que foi alijado pelo processo colonial. Os saberes outros, desde África, baseada na tecnologia Yorubá, que confrontam o saber e poder universalizante estabelecido pela Modernidade. Contrariando as epistemes eurocêntricas e subvertendo a ordem do epistemicídio, que como explica Carneiro (2005), se trata da anulação e descrédito dos saberes dos povos colonizados, subalternizando não só em suas existências, mas a construção de suas tecnologias, taxadas de primitivas, que leva a inferiorização intelectual. Exalto a tecnologia fundamentada na decolonialidade para problematizar as estruturas do Currículo, especificamente, a composição curricular do Curso de Comunicação Social da UFRB.

Para discutir, articular enfrentamentos e repensar o currículo entendo que, como elabora Miranda (2022), seja necessário não mais repercutirmos os epistemicídios para acessar o diferente, os outros, sejam lugares, epistemologias ou outras possibilidades advindas das populações negras, indígenas, ciganas e de corpos LGBTQIAP+. Para que seja propício a estudantes, mulheres negras do curso de Comunicação Social a inserção e integração das epistemologias que reverberam em seus corpos-territórios, nas suas culturas e territorialidades.

Ao ser necessário decolonizar o currículo é preciso estender a percepção do outro a extensão de sua existência, que está presente em sua comunidade, nas ruas, nas praças, nos terreiros, no movimento cultural, nas crenças, nos valores, no axé, a força vital que lhe move, no que constitui seu corpo-território. Quando pesquisamos com mulheres

negras estudantes do curso de Comunicação Social, acionamos o seu corpo-território em pesquisa nos parâmetros da Decolonialidade Afro-brasileira. Apontamos para seus corpos-territórios em totalidade, para seu mundo sensível, seus espaços, seus saberes, a extensão de suas crenças, afetos, e as complexidades de suas existências para dimensionar e reformular currículo.

Trago um entendimento em confabulação com que preconiza Cláudia Miranda (2016). A autora, observa que é a partir dessas instâncias corpóreas, das que estão no derredor das universidades e espaços educacionais que rachamos o cimento do eurocentrismo contido nas protoformas do poder e saber dentro da educação. Nos levando ao encontro de outras elaborações pedagógicas e tecnológicas que desarticulam a antiga lógica curricular. Deste modo, insisto em cartografar as colonialidades que atravessam os corpos-territórios de discentes do Curso de Comunicação Social da UFRB, para se problematizar o currículo quanto às necessidades dos corpos-territórios de mulheres negras, suas urgências frente às implicações das colonialidades e os desaprendizados que atravessam e acionam seus corpos-territórios,

Ao observar a estrutura do Currículo dos cursos de Comunicação da UFRB- Jornalismo e Publicidade e Propaganda, percebe-se que não existe de forma explícita nenhum componente que evidencie tratar as relações étnico-raciais ou o que preconize as Leis 10.639/03 e 11.645/08. O que não implica que os docentes, não possam ter introduzido leituras ou direcionado conteúdos que trate do assunto, pois o currículo em sua fluidez agrega esse diálogo com a sala de aula. Entendo que currículo é fluido e dinâmico em cada momento de refazendo em sala de aula, implicando em um jogo alunos e professores e a realidade externa constantemente.

Entretanto, o que se pode verificar que no projeto pedagógico é que não há nenhum indicativo que deixe evidente epistemologias negras ou diálogos com autores negros. O que me leva a pensar que há um apagamento ou silenciamento de conteúdos que contém mídias e relações étnico-raciais, feminismo negro. Enfim, outras formas de escrita, em que a teoria da comunicação e as relações de mercado/marketing seja analisada a partir de um debate racial.

Seguindo esse direcionamento finco nessa pesquisa os ventos da Decolonialidade Afro-Brasileira para experimentar inversões pedagógicas, aqui em sopros de ventos insubordinados, ventos de desobediência epistemológicas, ventos do princípio cosmológico de Oyá. A partir desses deslocamentos estão implicadas novas maneiras de se elaborar concepções curriculares, que reformulam os processos de instrumentalização do mesmo no Curso de Comunicação Social. Ao discutir sobre as colonialidades presentes nos cânones da Comunicação Social como área de conhecimento, considero aqui, a constituição de sua base epistemológica, teórica e metodológica de estrutura fincada em um modelo linear de poder funcionalista, que tem como objetivo persuadir. Um modelo eurocentrado elaborado em escolas do Norte Global em que seu cânone primordial performa as colonialidades do ser, saber, poder.

Como assinala Erick Torrico (2021), a Comunicação como campo de conhecimento é um subproduto do desenho civilizatório colonialista e imperialista de conteúdo instrumental.

///

Muniz Sodré (2014) infere que a comunicação constitui uma realidade industrial articulada por um aparato tecnológico que é dominado pelo mercado. De certo, o saber comunicacional é arquitetado e balizado pelo mercado (Sodré, 2014). Já Torrico (2019) articula que a Comunicação Social teve sua origem em um modelo mercadológico de tecnologia positiva-funcionalista, o seu arcabouço canônico é aplicado nos processos de comunicação, como também, estão presente///s no currículo e são reproduzidos nas

Universidades, nos cursos de Comunicação Social em diversos âmbitos. Nessa perspectiva, busco tensionar as bases de uma formação essencialmente forjada nas colonialidades imbricadas nas articulações do Mercado para decolonizar o currículo em seu formato instrumental funcionalista, preconizando, assim, o princípio cosmológico de Oyá.

A pedagogia de Oyá

Conta o Itan que Xangô enviou a sua esposa Oyá, em uma missão para buscar um preparado, que ao ser ingerido, permitia que lançasse fogo pela boca e nariz. Oyá, porém, desobedeceu a Xangô e experimentou o preparado e, assim, possuiu o poder que só o esposo detinha. dia Oyá foi enviada por Xangô às terras dos baribas. lá tinha uma poção mágica, cuja ingestão permitia cuspir fogo pela boca e nariz. Oyá, sempre curiosa, usou também a fórmula, e desde então possui o mesmo poder de seu marido.(Prandi, 2001.)

É partir da compreensão da pedagogia de Oyá, Yansã, para se articular a construção ou desconstrução do currículo do curso de Comunicação Social da UFRB, com enfoque nos corpos-território de mulheres negras. Eis as aspirações para uma pedagogia insurgente, desobediente, feminista, decolonial.

Em relâmpagos, trovejos, articulo a Pedagogia de Iansã que pretende intimidar os cânones modernos, eurocentrados em que se assenta o currículo e educação de corpo-territórios de mulheres negras no campo da comunicação. Oyá, fundamenta a desobediência ao poder constituído e o autorrespeito, para possuir também a capacidade de incinerar colonialidades para transformar epistemes. O poder de cuspir fogo não é mais propriedade do patriarcado ou do monismo epistêmicos. Oyá insurge tomando para si a capacidade de também construir sua epistemologia, sua força.

Afirmando o marco civilizatório de Iansã vou ventilando a desobediência epistêmica e os desaprendizados necessários para tensionar o conhecimento euro-americano imperialista. De acordo com Luz, “a epistemologia africano-brasileira nos fortalece para não sucumbir face às imposições espaço-temporais da onipotência narcísica universitária” (2013, p.180). O ensinamento de Iansã ao usurpar o poder para si, insta sobre o enfrentamento, sobre a não intimidação frente ao pacto narcísico existente dentro da academia, da manutenção de cânones eurocêtricos, dos privilégios da branquitude e preservação de estruturas desiguais.

Africanizar a Universidade em face de Oyá é lançar fogo sobre o rigor científico que nega a alteridade na construção de saber acadêmico e incendiar os cânones eurocêtricos, que formatam o currículo baseado em vieses mercadológicos na educação de mulheres negras do campo da comunicação. Através do princípio civilizatório de Iansã vamos em raios e trovões energizar e decolonizar a instrumentalização de um currículo funcionalista, pois de acordo com Sodré, “descolonizar o processo educacional significa liberá-lo, ou emancipa-lo, do monismo ocidentalista que reduz todas as possibilidades de saber e de enunciação da verdade” (2012, p.19).

O princípio Cosmológico de Oyá nos conta de uma tecnologia que carrega uma força primordialmente feminina, poderosa e destrutiva de enfrentamento, de mudança. Força fundamentada nos ventos, tempestades, no fogo, raio e trovão. É o fundamento que destrói para que sejam construídas outras possibilidades. É o fogo que incendeia o campo para que rebrote a vida. Oyá é a guerreira elementar que nos direciona nesse decolonização pedagógica de estruturas desumanizantes que permeiam as colonialidades presentes nos cânones da Comunicação Social.

Os mecanismos das colonialidades, são em essência, opressivos e anestésicos, para que os corpos sejam submetidos e docilizados frente a estruturas de poder. Oyá nos leva em seu primado a decolonizar, fazer estruturas serem arrasadas, ela movimentando os corpos em

suas ventanias, transforma o corpo em búfalo, potencializando, assim, a sua energia, seu poder, tornando-o vigoroso e destruidor. Oyá dá coragem.

Em outra perspectiva Oyá tem a capacidade de se transformar, tanto em búfalo como em borboleta. Ela nos ensina a perspicácia de transfazer-se estrategicamente e, assim, utilizar outro polo da força, que vem da suavidade, da transição entre o tornado e a leve brisa. A força também está no sensível e ela não é menos eficaz que a força bruta. Está na pedagogia de Iansã o que tange o sensível, da sensibilização à alteridade, as crenças, cultura, saberes do outro, da expansão da aceitação e abertura para outras possibilidades de vivências e epistemologias. Sodré chama de paradigma do sensível, o “[...] que traduz um novo olhar para o mundo e um novo modo de sentir o comum ou a existência, entendida como uma dimensão que transcende a presença pura e simples dos entes e das coisas no mundo” (2012, p.185).

Ao se pensar em decolonizar o currículo no curso de Comunicação há que se problematizar suas fundamentações, é necessário ter a dimensão dos jogos de força e enfrentamento preconizados na pedagogia de Oyá, as mudanças precisam ser construídas de forma beligerante, contudo, pautadas pelas brisas que vêm nas trocas e do sensível. A pedagogia de Oyá elabora também sobre aprendizado

Oyá é um princípio que se relaciona com todas as forças da natureza, ela perpassa com o ar, como vento. Aqui ela nos ensina a aprender com o diferente, com diversas territorialidades, elementos, a interculturalidade, a interrelacionar-se e capacitar-se. Iansã é uma guerreira completa, pois possui todos atributos e aprimoramentos capazes de torná-la invencível.

O aprendizado com o corpo-território ventania que em sua versatilidade e totalidade aciona toda sua corporeidade e capacidades para perceber o Outro, o espaço em derredor, as potencialidades ali presentes. Aqui Oyá ao ser feita de ar, nos faz refletir sobre aprender com o corpo todo para se elaborar outras concepções curriculares que reformulam os processos de instrumentalização de currículo do Curso de Comunicação Social.

A pedagogia de Oyá é tempestade para decolonizar e despertar as potências dos corpos de mulheres negras inseridas em contextos de opressão das colonialidades. A pedagogia da mulher ancestral, força transformadora, que muta entre o búfalo e a borboleta. Que desestabiliza, destrói e reconstrói. É a pedagogia da transterritorialidade, da passagem entre a vida e a morte, que aciona a transmutação entre etéreo e a matéria. A Pedagogia que manipula o ar, movimenta brisas, ventos, redemoinhos, tornados em forma mulheres negras, corpos-territórios ventanias decoloniais.

O corpo-território que dentro da estrutura acadêmica, de casa grande é atravessado pelos normas e ritos repletos das colonialidades do saber e do poder, em um curso voltado e criado para o mercado, em que a base curricular está engessada em padrões eurocentrados, neoliberais que reverberam na forma como o corpo-território se posiciona no mundo.

O poder é exercido pelo currículo, pela formação, pela escolha do que vai ser sua referência, as vozes, os padrões impostos, as verdades que não vão ser questionadas, os fundamentos que lhe servirão de trilha na caminhada profissional, no seu corpo-território e na percepção do mundo. As colonialidades do saber servem de base para as colonialidades do poder e do ser. Nessa formação de padrões eurocêtricos, imperialista e norte-americanos é importante pontuar que além da instrumentalização, das técnicas, das tecnologias, dos aparatos do mundo digital e das métricas e exigências dos ritos para se fazer uma comunicação estratégica, há também e, sobretudo, o corpo-território.

Para insurgir e enfrentar as colonialidades de gênero, poder, ser e saber é necessário a afirmação do corpo-território. Urge o rompimento com o silêncio a partir de nossas histórias trazidas para as práticas acadêmicas/curriculos, pois dentro do nosso curso os

conhecimentos que foram alijados com a colonização, a nossa cultura, aparato tecnológico ancestral e a nossa própria vivência continuam a ser silenciada. Logo, precisamos ser os corpos e vozes das nossas próprias histórias, racializando as agendas, questionando os cânones e conceitos universalizantes, especialmente para mulheres negras.

Entendo, assim, que as colonialidades dentro da academia reverbera em abordagens racistas que organizam as relações dentro dos cursos universitários, aqui específico, os cursos de Comunicação Social da UFRB atingem diretamente a autoestima dos corpos de mulheres negras e repercute na permanência e no aprendizado das alunas, tal qual atingem a sua dignidade, existência e direito a alteridade do saber.

Podemos constatar historicamente que para sua funcionalidade a universidade prima por ratificar a razão do Estado, subjugando, destruindo outras formas de organizações e existências que anunciam outra episteme civilizatória. Por isso mesmo, produz-se e aplica-se uma retórica taxonômica, criada para assegurar os índices de ideais de comportamento e valores que promovam a ordem e normalidade da razão de Estado e seus tentáculos neocoloniais. Ancoradas a essas expectativas, as universidades estabelecem normas de conduta, no sentido de reprimir aqueles de divergem ou desviam das prescrições epistemológicas consagradas (Luz, 2013, p.176).

Luz (2013) entende que a Universidade é como a Casa Grande, estruturada, deste modo, em concepções racistas e neocoloniais que consolidam normas, ritos e práticas que buscam manter o outro como o diferente. Sobre este tema Souza (2021) pontua, que o negro é sempre o diferente, o que fere a norma. O que implica dizer que sendo casa-grande a Universidade não foi “feita” para corpos-territórios diferentes ou melhor, corpos-territórios negros, aqui, de mulheres negras. O que implica nessa estrutura que leva a exaustão e ao cansaço. Logo esse corpo em específico, precisará lutar, se esforçar e fazer um movimento de grande sacrifício para poder estar ali. A Casa Grande tem seus mecanismos em que negros podem servir, conviver dentro dela, mas não é o ambiente feito para esse corpo-território possa florescer.

É sobre denegrir, através da decolonialidade Afro-Brasileira, da Pedagogia insurgente para se romper com o pacto narcisístico da branquitude, ir de encontro ao silenciamento e apagamento, consequência do mito da democracia racial dentro da Universidade. É ir conta aos racismos que excluem e as colonialidades que atenuam e impedem corpos-território de mulheres negras expandirem seu conhecimento dentro do curso.

Aqui propus esse movimento no campo político/epistemológico a partir da decolonização e os seus intentos, construindo, deste modo, movimentos como a Pedagogia de Oyá, para romper e tensionar as colonialidades presentes na curricular e pedagógica do campo da comunicação social. Sobre decolonização do currículo Gomes elabora, que:

“Só é possível descolonizar os currículos e o conhecimento se descolonizarmos o olhar sobre os sujeitos, suas experiências, seus conhecimentos e a forma como produzem. Portanto, a compreensão de que existe uma perspectiva negra decolonial brasileira significa reconhecer negras e negros como sujeitos e seus movimentos por emancipação como produtores de conhecimentos válidos que não somente podem tensionar o cânone, mas também o indagam e trazem outras perspectivas e interpretações” (2023, p. 235).

Reconhecer outras possibilidades, o corpo-território, perceber outros sentidos, se afirmar enquanto mulheres negras é uma potência. É uma potência e uma atitude libertadora gerar conhecimento a partir de saberes que estão além de uma cosmovisão dicotômica, monista, aliada aos interesses imperialistas e liberais, que só entendem o que eurocentrado e produzido pela branquitude. Corpos outros, de mulheres negras que possuem outras

vicissitudes, que sentem as dores e as exigências a partir da perspectiva dos corpos oprimidos, subalternizado.

Assim, urge outra abordagem dentro das áreas de conhecimentos, especialmente as alicerçadas em cânones do eurocentrismo, marcados pelos caprichos do Mercado e do capitalismo como a Comunicação Social, tanto na formação quanto no forjamento de profissionais. Observo, que denegrir vai além da representatividade do quadro de apresentadores ou de destaques na mídia, denegrir é ir á fundo na produção de racismos, na feitura dos profissionais, do conhecimento, dos cânones e do SABER.

Para não encerrar e propagar ventos decoloniais, aponto a pedagogia de Oyá, que incinera, queima o chão para que rebrotem, para que ressurgam novas possibilidades epistemológicas denegridas, em que mulheres e corpos-territórios outros sejam evidenciados em suas subjetividades e sensibilidades dentro do campo da Educação e da Comunicação.

Que novos lampejos da decolonialidade afro-brasileira, nas vivências acadêmicas e experiências da vida, em que o Axé possa propagar rumos que subvertem a lógica perversa do racismo e do epistemicídio, especialmente na academia. Que sejam refeitas as paredes da Casa-Grande das Universidades, e que o pacto narcisíco da branquitude brasileira sejam cegados pelos relâmpagos!

No estudo realizado aponte as colonialidades que atravessam os corpos-territórios de mulheres negras estudantes do curso de comunicação, ao passo em que, em outra extremidade observei os caminhos para decolonizar a perpetuação da estética das colonialidades em suas formações. Voltada para o Sul, em uma decolonização baseada na pedagogia de Oyá, preconizada na tessitura da dissertação de mestrado, vislumbrei que através da fonte epistemológica da ancestralidade, da potência da memória, da força do aquilombamento e da energia da resistência, podemos perpetuar nossas existências, saberes, afetos, identidade e nossa grandeza em todos espaços, seja na academia ou mesmo no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender coma sociopoética. 2014. Fortaleza. Ed EDUECE.

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2009. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

ALZANDUA, Glória. **La Consciencia de la mestiza rumbo a uma consciência**. Revista estudos feminista. Florianópolis, n. 13, v. 13, 2005. Disponível em : <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000300015>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Rev. Bras. Ciênc. Polít. Ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva; PIZA, Edith. Psicologia social do

racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 01- 30.

DIAS, L. de O. (2020). **Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora.** *Articulando E Construindo Saberes*, 5. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/racs.v5i.63860>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Tese- Programa de pós-Graduação em educação, Universidade de São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecendo o feminismo.** In: Escritos de uma vida. Prefácio: Conceição Evaristo, Apresentação Djamilia Ribeiro. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CARNEIRO, Sueli e CURY, Cristiane Abdon. **O poder feminino no culto aos orixás.** In: Mulher Negra. Caderno IV. Edição comemorativa Instituto Geledés da mulher negra, São Paulo: Instituto Geledés, 1993, 19-35.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento.** Estudos Avançados, v. 17, n. 49, p. 117-133, set./nov. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

CARNEIRO, SUELI 2013 ARTIGOS NEABI <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf> EM 03 DE JANEIRO 2024

CARNEIRO, Sueli. **Racismos, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo. Selo Negro, 2011

CURIEL, Ochy. **Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial.** Jornada de metodologia de pesquisa feminista e sua aplicação. 2014. San Sebastian, Espanha.

GAUTHIER, Jaques. **O Oco do Vento. Metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais.** 2012. Curitiba. Ed. CRV.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** 2017. Disponível em: https://www.geledes.org.br/alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-relacoes-raciais-no-brasil-uma-breve-discussao/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjw17qvBhBrEiwA1rU9w5FcdKcNCOQt2vuQcneCqoLA71Tz0xK9GAFQ2_bzzTJ1bdrvXtsFhRoCtT8QAvD_BwE. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos.** Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa.** São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GROSGOUEL, Ramon. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: Racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** Sociedade e Estado, 2016. Disponível em: DOI:10.1590/S0102-69922016000100003. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

GROSGOUEL, Ramon. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global.** Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, 2008, Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

GROSGOUEL, Ramon(org), COSTA, Bernardino, MALDONADO, Torres, **Deconialidade e pensamento afrodiafórico.** 2 ed. Belo Horizonte, 2023.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade.** São Paulo. Ed. Martins Fontes. 2013

HOOKS, bell. **Erguer a voz. pensar como feminista, pensar como negra.** São Paulo Elefante, 2019

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro.** São Paulo, Ed Perspectiva, 2019

LIMA, Claudia Costa e ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa. **A consciência mestiça e o feminismo da diferença.** Disponível Rev. Estudo. Femininos 13 (3) • Dez 2005 em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300014>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

LUGONES, Maria. **Colonialidade e gênero.** *Tabula Rasa* [online]. 2008, n.9, pp.73-102. ISSN 1794-2489. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-24892008000200006&script=sci_abstract&lng=ptf. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **É preciso africanizar a universidade.** IN: MENEZES, J. M.F; SANTANA, E. C.; AQUINO, M.S. **Educação, região e territórios: formos de inclusão e exclusão.** Salvador: Edufba, 2013.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Decolonização e Educação: diálogos e proposições metodológicas.** Ed. CVR, Curitiba, 2013

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia africana desde saberes ancestrais femininos: bordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 31, fev. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/835>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

MANGUEIRA, Ana Beatriz da Costa. **A contribuição do pensamento decolonial para o ensino básico e o acadêmico brasileiro: desafios e perspectivas.** Foz do Iguaçu

setembro, 2019. Disponível

em:https://www.congresso2019.fomerco.com.br/resources/anais/9/fomerco2019/1570034253_ARQUIVO_e1bfb831ab506982de342d0b73fb4af5.pdf. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica:** Uma opção decolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras UFF, nº 34, 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/tatiana/classes/ppgd-pluralismo-epistemol%C3%B3gico/materials/desobedi%C3%Aancia-epist%C3%Aamica-walter-mignolo>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

MINOSO, Yuderkys Espinosa. **Fazendo uma Genealogia da Experiência:** o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. Revista Direito a Práxis, vol.10, nº3, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/43881>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & Educação decolonial:** proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: UFBA 2020.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Rachar e despencar o Copo-território.** Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 7, N. 1 - pág. 467-487 janeiro-abril de 202. Disponível em: DOI: 10.12957/riae.2021.54972. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Epistemologias dos Odus e Decolonialidade Afro-brasileira.** Revista estudos Literários, UFRJ, Vol. 04, nº 11, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/53236>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

MESSEDER, Suely Aldir. **A pesquisadora encarnada:** uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. Diversidades e Políticas da Diferença: intervenções, Experiências e aprendizagens em sexualidade, gênero e raça. Tocantins: EDUFT, 2016, p.06-17

NASCIMENTO. Beatriz. **Afrodiáspora.** Revista do mundo negro, Ipeafro, ano 3, nº 6 e 7, 1985. Em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408010/mod_resource/content/2/NASCIMENTOBeatriz_O%20conceito%20de%20Quilombo%20e%20a%20resist%C3%Aancia%20oculturl%20negra.pdf. Acesso em 20 de fevereiro de 2024.

NETO, João Augusto dos Reis. **Pensar Viver Água em Oxum para (Re)encantar o Mundo.** Revista Calundu. Vol. 4, N.2, Jul-Dez 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v4i2.34344>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

OYERONKE, Oyewumi. **A invenção das Mulheres:** Construindo um sentido africano para discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro. Editora Bazar do Tempo. 2021

PARIZI, Vicente Galvão. **O livro dos Orixás: África e Brasil** [recurso eletrônico] / Vicente Galvão Parizi -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PINHEIRO, Adevanir Aparecida. **O espelho quebrado da branquidade: aspectos de um debate intelectual, acadêmico e militante**. São Leopoldo. Ed Casa Leira. 2014

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires, 2005. Disponível em :http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

RANGEL, Maria Cristina; GOMBERG, Estélio. **A água no Candomblé: A Relação Homem Natureza e a Geograficidade do Espaço Mítico**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 8, n. 1, p. 23-47, 2016. Disponível: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49327/751375140433>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

SALES, Cristian Souza de. **Das águas `ÿyá Oxum: saberes ancestrais femininos em poesias negras diaspóricas**. Revista Calundu –Vol.4, N.2, Jul-Dez 2020. Disponível em: DOI 10.26512/revistacalundu.v4i2.34575. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Cibele Bittencourt. **Os Espelhos de Oxum: mulheres periféricas, relações raciais e autoimagem**, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, decolonização e redes**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis. Ed. Vozes. 2017.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro. Ed Mauad. 2019.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do Comum: Notas para o método comunicacional**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2021

TORRICO, Erick. **Para uma comunicação ex-centrica**. Revista USP, Vol 1, nº 3. La Paz, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/159957> Texto%20do%20artigo-386633-2-10-20191228.pdf. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

TORRICO, E. **Comunicação organizacional e decolonialidade: desafios para uma intersecção viável**. Organicom, [S. l.], v. 18, n. 37, p. 14-22, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.190356. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/190356>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

SITES

ANGELOU, M. **Mesmo assim eu me reergo**. Tr. Brenda Nepomuceno. Vinte Cultura e Sociedade, 15 de fevereiro de 2014. Disponível em: <Disponível em: <https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2014/02/15/still-rise-de-maya-angelou-em-duas-traducoes/> >. Acesso em 12 de março de 2024).»
<https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2014/02/15/still-rise-de-maya-angelou-em-duas-traducoes/>

GOMES, Nilma Lino. Revista Brasileira de educação, ano 21, dez de 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrxrHf5nTC7r/?format=pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

Em seus 12 anos, UFRB comemora maioria negra e pobre no ensino superior .UFRB, 2017.Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/4800-em-seus-12-anos-ufrb-comemora-maioria-negra-e-pobre-no-ensino-superior>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

População negra conquista espaço no ensino superior.IPEA,2020.Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35896. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

UFRB, Portifólio Institucional. UFRB. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/apresentacao>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024